

# NOITE DE REIS



# Que comédia é esta?

*Noite de Reis* terá sido representada pela primeira vez em 1602, satirizando numa tábuas de teatro Isabelino os *bons sentimentos* humanos.

Nesta peça assistimos à história de Viola, que chega a uma terra chamada Ilíria na sequência de um naufrágio no qual julgara ter-se afogado o seu irmão, Sebastião. Para evitar os perigos de se apresentar como mulher numa terra estranha, decide disfarçar-se de homem, e passa a ser Cesário, um criado logo contratado pelo Conde Orsino. A sua tarefa consistirá daí em diante em ser portador(a) das apaixonadas mensagens do Conde para a princesa Olívia, que no entanto não lhe retribui os sentimentos amorosos. Só que a princesa Olívia, ao mesmo tempo que recusa o amor do Conde, acaba por apaixonar-se pelo mensageiro, ou seja, por Viola disfarçada de Cesário. Na verdade, Viola/Cesário – que entretanto também se apaixonara pelo seu patrão – acaba por ficar em muito maus lençóis. Mas esta é apenas uma pequena parte da grande confusão que se instala quando finalmente aparece o irmão gémeo de Viola, Sebastião, que afinal não se afogara no naufrágio do início da história.

Nas palavras de Peter Kleinert, estamos perante “uma comédia insana e violenta, cheia de graça, mas também melancólica. Estamos sempre a brincar com os tipos-sociais e a identidade de género. É uma verdadeira comédia — caótica, utópica, à moda antiga.”



**William Shakespeare** (1564-1616) é considerado um dos maiores poetas e dramaturgos de língua inglesa. Contemporâneo do reinado de Isabel I, escreveu trinta e nove peças de géneros diversos – tragédias, dramas históricos e comédias – numa mistura de registos que vão do grotesco ao sublime. Um espelho da condição humana até hoje insuperável. Em criações próprias, encenadas por Joaquim Benite, a Companhia de Teatro de Almada levou à cena desde 1993: *Othello*, *O mercador de Veneza*, *Troilo & Crésida* e *Timão de Atenas*. A Companhia estreou ainda *O mercador de Veneza*, numa encenação de Ricardo Pais e *Hamlet*, encenação de Luis Miguel Cintra.



William Shakespeare

Peter Kleinert, encenador e dramaturgista alemão, trabalhou nas décadas de 70 e 80 com Peter Schroth. Em 1982 ambos dirigiram *A excepção e a regra*, de Bertolt Brecht, para a Companhia de Teatro de Almada. Após a reunificação de Alemanha, tornou-se professor na renomada Academia de Teatro Ernest Busch, dirigindo habitualmente espectáculos na Schaubühne de Berlim, uma das mais renomadas companhias de teatro europeias. Como encenador, trabalhou em Sidney, Pittsburgh, Glasgow, Lyon e Salzburgo. Em 2018 regressou a Almada para dirigir *A boa alma de Sé-Chuão*, também de Bertolt Brecht: um espectáculo que foi considerado pela revista *TimeOut* um dos dez melhores do ano.



Peter Kleinert

**Tradução** António M. Feijó **Interpretação** André Pardal • Ariel Rodriguez • Binete Undonque • Carolina Dominguez • Diogo Bach • Erica Rodrigues • Ivo Marçal • João Cabral • João Farraia • Leonor Alecrim • Pedro Walter **Cenografia** Céline Demars **Figurinos** Ana Paula Rocha **Luz** Guilherme Frazão **Som** André Oliveira **Música** Ariel Rodriguez **Voz e elocução** Luís Madureira **Assistente de figurinos, maquilhagem e cabelos** Carolina Furtado **Coreógrafo de lutas** Tiago Cruz

# A importância da música

**Noite de Reis, de William Shakespeare, estreou no dia 5 de Julho no Teatro Municipal Joaquim Benite, integrado na programação do Festival de Almada. Dois dias depois o encenador Peter Kleinert esteve à conversa sobre este seu novo trabalho com o público, na Esplanada da Escola D. António da Costa. O que se segue é um resumo desse fim de tarde, num colóquio moderado pela professora Maria João Brilhante.**

**Foi um longo processo, a criação deste espectáculo...**

Sim. Mais de dois anos. Os ensaios começaram em Março de 2020 e passadas duas semanas chegou o covid e entrámos em confinamento. Voltei para a Alemanha e passei grande parte do tempo a ver séries na Netflix e a ler. A dúvida instalou-se: será que ainda quero fazer este projecto? Quando retomámos finalmente os ensaios, em Maio deste ano, vinha angustiado. O Mundo tinha mudado com a pandemia. A crise climática acentuou-se e tínhamos desde Fevereiro uma guerra na Europa. O espectáculo teria de reflectir essas mudanças. A Ilíria não podia continuar a ser uma ilha paradisíaca rodeada de um mar de sonho. Reuni-me com a cenógrafa, Céline Demars, e pedi-lhe que sujasse o cenário. Tudo ficou coberto de plástico, o mar passou de calmo a encrespado. Só as personagens pensam que continuam a viver no paraíso. Queria um espaço cénico que interpelasse e comunicasse directamente com o público.

**A peça tornou-se mais contemporânea?**

Sempre foi. Desde que foi escrita, há mais de quatrocentos anos. A mim sempre me interessou nesta peça, que é a minha preferida, a possibilidade de os corpos em palco contarem uma história bem diversa daquela que é narrada pela história de amor da trama. Nesta produção, como não falo português, durante os ensaios pude-me abstrair ainda mais das palavras dos actores e concentrar-me nos seus gestos. E são estes gestos com os quais os actores constroem a personagem que fazem a ligação com a contemporaneidade e com as questões de género. Shakespeare já dá uma

certa base para que se aborde este assunto. E este foi um tema muito discutido com os actores as actrizes durante os ensaios.

**Confia menos nas palavras de Shakespeare do que nos corpos dos actores?**

Sim. As cenas de amor são quase uma telenovela. Por isso introduzi um ponto de vista adicional, que é dado pelo uso da câmara que grava e mostra os diálogos ao vivo, em *close-up*.

**O cinema torna tudo maior que a vida?**

Muda a perspectiva do nosso olhar. Introduce a memória dos filmes. Traça uma fronteira entre teatro e cinema. Durante estas cenas mais românticas, pedi ao músico em cena, o Ariel Rodriguez, que comesse pipocas. Precisamente para dar a impressão de que estava a assistir a um melodrama ou a uma telenovela.

**Por falar em música: nesta encenação preocupou-se muito com essa dimensão da música ser uma quase personagem do espectáculo.**

Desde a primeira fala do Conde Orsino, logo na abertura da peça, que a importância da música é referida. No teatro isabelino a música de cena era improvisada, tal como nesta encenação. Tive a sorte de trabalhar com um músico excelente, Ariel Rodriguez, um homem dos sete instrumentos. Pedi-lhe que a música fosse como o pano de fundo da acção. Dando sugestões. Criando ambientes sonoros. Como no cinema. Que houvesse através da música uma empatia crescente entre o palco e a plateia. Afinal, estamos mais familiarizados com as canções da Madonna do que com a personagem de Olívia.

**De 7 a 30 de Outubro**

Quinta a sábado às 21h • Quarta e domingo às 16h

Sala Principal • M/12

**6.50€**

**Preço especial  
para grupos**

**Informações e reservas: Carina Verdasca, Pedro Walter e Marco Trindade: 96 496 00 05 • [publico@ctalmada.pt](mailto:publico@ctalmada.pt)**

**Teatro Municipal Joaquim Benite: Av. Prof. Egas Moniz - Almada • Telf.: 21 273 93 60 • [www.ctalmada.pt](http://www.ctalmada.pt) • [geral@ctalmada.pt](mailto:geral@ctalmada.pt)**

*Se a música é o alimento do amor, continuai a tocar;  
Cumulai-me de um excesso dela para que, satisfeito,  
O apetite possa saciar-se e assim morrer.*

CONDE ORSINO, ACTO I, CENA 1.